

## Índice

Prefácio a Esta Edição — «Alcançar Portugal»	9
Paz ou Guerra — A Rússia e o Ocidente — Uma Abordagem	
«Estes São os Alemães! Os Fascistas!»	19
«O Paradoxo da Mentira»	22
O «Czar da Montanha»	33
« <i>Скоро!</i> » Em breve!	50
Os Novos «Tempos de Turbulência»	63
Deixar de Estar de joelhos	75
«A Janela para a Europa» ou Um Espelho?	94
A Paz Híbrida	101
Dois «Povos Russos»	115
«À Paciência do Grande Povo Russo!»	141
Futuro I	155
Futuro II	176
Posfácios	
I — O Silêncio Esmurrado	185
II — Navalnyi	195

## «Estes São os Alemães! Os Fascistas!

A minha primeira recordação dos alemães está associada a um puxão de orelhas, o que talvez justifique o facto de a memória infantil ter retido esse episódio. Eu tinha quatro anos. Os meus pais acabavam de comprar o nosso primeiro aparelho de televisão, que exibia os habituais documentários com imagens da guerra. Um desfile nazi. Tropas SS alemãs marchavam em fila. «Que giro!», exclamou o meu irmão mais velho, entusiasmado, o que lhe valeu imediatamente uma bofetada do pai. «Como podes dizer isso!», gritou este indignado, «Estes são os alemães! Os fascistas!»

Durante a guerra, o meu pai foi marinheiro de um submarino no mar Báltico. Aos dezoito anos, ofereceu-se como voluntário para vingar o irmão mais velho. Quando eu era pequeno, vivíamos numa cave na famosa Rua Arbat de Moscovo; por cima da minha cama estava pendurada uma fotografia do seu *Schtschuka* (submarino). O III-310 era um submersível russo utilizado durante a Segunda Guerra Mundial. Em criança, sentia-me muito orgulhoso por o meu pai ter um submarino. Estava sempre a copiá-lo da fotografia para o meu caderno da escola, e coloria o número no topo da página: III-310. Todos os anos a 9 de maio, o Dia da Vitória, o meu pai tirava do armário a sua farda da marinha, que teve de mandar alargar várias vezes por não parar de engordar, e punha todas as suas condecorações. Era muito importante para mim orgulhar-me do meu pai. Tinha havido uma guerra e o meu pai ganhara-a!

Só muito mais tarde vim a saber que, em 1944/45, o meu pai participara no afundamento de navios alemães que transportavam

refugiados de Riga e de Tallinn. Centenas, se não milhares de pessoas, morreram desta forma nas águas do Báltico, sendo por isso que o meu pai recebera as medalhas. O meu orgulho há muito que se desvaneceu, embora também não me agrada fazer julgamentos. Estava-se em guerra.

Depois da guerra, como todos os seus amigos da frota de submarinos, começou a beber. Provavelmente não conseguiram evitá-lo. Afinal, ele ainda era um rapaz quando passou meses no mar, com o medo constante de se afundar num caixão de ferro. Não se pode esquecer uma coisa dessas.

No tempo de Gorbachov, quando começaram os duros anos de fome, o pai, um veterano de guerra, recebia pacotes de ajuda alimentar, incluindo da Alemanha, o que ele considerava uma humilhação pessoal. Durante toda a vida, ele e os seus camaradas tinham-se sentido vencedores, e agora eram obrigados a comer as migalhas da mesa do inimigo vencido. A primeira vez que o pai nos levou a ração de víveres, embebedou-se e gritou: «Mas nós vencemos!» Depois acalmou-se e, a chorar, perguntou, sabe Deus a quem, mas virando-se para mim: «Diz lá, ganhámos ou perdemos a guerra?»

Nos últimos anos de vida, destruiu-se com vodca. Nessa altura, todos os seus companheiros do submarino já há muito que haviam morrido devido ao excesso de álcool, e ele era o último sobrevivente. É provável que o pai se tenha apressado para rever os seus camaradas de armas. Com o seu uniforme de marinheiro, foi incinerado no crematório de Moscovo.

Em miúdos, sempre brincámos à guerra. Os inimigos eram os alemães, como em todos os filmes que víamos.

Na escola, os alunos foram divididos em dois grupos de língua estrangeira. Todos queriam aprender inglês e ninguém queria o alemão. Os professores ameaçavam: «Se tiveres más notas, vais para o grupo do alemão!» Apesar de ter boas notas, tinha o azar de a minha mãe ser a diretora da escola. «Mischa», disse ela, «sei que mereces estar no grupo de inglês, mas apesar disso vais aprender alemão. Assim, os outros pais não me podem acusar de te ter favorecido.» Desse modo, fui sacrificado em nome da reputação da diretora da escola e tive de aprender alemão.

A minha opinião modificou-se quando, no último ano de escolaridade, li a tradução russa do romance *Mein Name sei Gantenbein*<sup>1</sup>, de Max Frisch. Fiquei fascinado, pois quase tudo o que havia de importante para o desenvolvimento da literatura no século xx era proibido no nosso país. Nem mesmo Nabokov ou Joyce estavam publicados. Com Max Frisch, as conquistas técnicas da prosa ocidental chegaram-me como que através de um funil. Depois descobri *Stiller*<sup>2</sup> no original e li-o com a ajuda do dicionário. Assim começou o meu amor pela língua alemã, que perdurou até aos dias de hoje. Muito mais tarde, fiquei desiludido com Max Frisch, mas isso nada teve que ver com a língua.

1 Max Frisch, *Chamem-Me Gantenbein*, Lisboa: Arcádia, 1967. (N. T.)

2 Max Frisch, *Não Sou Stiller*, Lisboa: Arcádia, 1958. (N. T.)

## «O Paradoxo da Mentira»

Por vezes, tenho a sensação de que o problema são as palavras.

Ao atravessar a fronteira russa, alguns termos revelam ser caixas com o rótulo errado. De uma forma misteriosa, o conteúdo da palavra é trocado à socapa ou simplesmente roubado. Perante um pano de fundo russo, os melhores e mais belos termos perdem o seu significado.

Quando eu era jovem, tudo me parecia simples e claro: o nosso país foi tomado por um bando de comunistas e, se eliminarmos o Partido, as fronteiras abrir-se-ão e voltaremos à família mundial dos povos que vivem de acordo com as leis da democracia e da liberdade e honram os direitos do indivíduo. Parlamento, república, constituição, eleições são palavras que evocavam um conto de fadas. Nesse tempo, éramos todos ingénuos. De alguma forma, não nos tínhamos apercebido de que todas essas palavras já existiam no nosso país — a constituição de Estaline, de 1936, era «a constituição mais democrática do mundo». Já vivíamos entre essas palavras grandiosas, que enchiam todos os jornais. E também tínhamos de ir votar com regularidade.

Havíamos esquecido que todas essas belas palavras provenientes do Ocidente, depois de atravessarem a fronteira e penetrarem na nossa sociedade, tinham perdido o seu significado original, começando a designar todo o tipo de coisas, mas não o que de facto significavam.

A lei fundamental garantia-nos todo o tipo de direitos; ali estava escrito, preto no branco: «O direito geral, igual e direto de votar por escrutínio secreto.» «A liberdade de expressão, a liberdade de im-

prensa, a liberdade de manifestação e de reunião, a liberdade de organizar desfiles e manifestações de rua.» «Aos cidadãos da URSS é garantida a inviolabilidade da pessoa. Ninguém pode ser detido sem ser por ordem judicial ou com autorização do Ministério Público.» «A inviolabilidade do domicílio dos cidadãos e o sigilo da correspondência são protegidos por lei.»

O texto desta maravilhosa Constituição foi escrito por Nikolai Bukharine. Três meses depois de ter sido adotada, em março de 1937, o seu autor foi preso sob a acusação de espionagem e de envolvimento numa conspiração contra Estaline. Na última carta que escreveu, Bukharine implorava a Estaline que não o fuzilassem, mas que lhe dessem uma dose letal de morfina. Em vez de lhe conceder essa mercê, o chefe do NKVD, Nikolai Yezhov, que supervisionou pessoalmente a sua execução, obrigou o condenado a assistir ao fuzilamento de outros prisioneiros.

Bukharine casou-se três vezes. A sua primeira mulher, Nadeschda Lukina, foi detida em 1 de maio de 1938 e fuzilada em 9 de março de 1940. A sua segunda mulher, Esfir Gurwitsch, e a sua filha Svetlana passaram muitos anos no Gulag. A sua terceira mulher, Anna Larina, também foi presa. Juri, o filho de ambos, cresceu num orfanato, sem saber quem eram os pais.

As palavras viraram-se contra o autor e é como se tivessem conspirado contra nós.

Para os russos, os termos mais simples e mais comuns podem significar coisas muito diferentes. Quando falam de economia de mercado ou de propriedade privada, isso parece atraente e familiar aos ouvidos ocidentais, mas é enganador. Na Rússia, não existe nem propriedade privada segura, nem economia de mercado no sentido ocidental. Veja-se o que acontece com o Estado, por exemplo. No mundo civilizado, há muito que se considera o Estado como um instrumento de defesa dos interesses dos cidadãos e não dos interesses próprios. O poder é construído a partir de baixo, e só aquele que não pode ser realizado ao nível mais baixo é remetido para cima. O conhecimento da separação entre poder legislativo, executivo e judicial do Estado é instilado em cada cidadão com o leite materno.

Na Rússia, entende-se o Estado como algo completamente diferente: poder e território, e ambos são sagrados. No Ocidente, os ci-